



I congresso

Devorando Carl Gustav Jung



uma leitura antropofágica da teoria analítica

"Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Philosophicamente. Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os collectivismos. De todas as religiões. [...] Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago."

(Trecho do Manifesto antropófago, de Oswald de Andrade, publicado na Revista de Antropofagia, em 1928)

APRESENTAÇÃO



A palavra antropofagia, durante anos, foi associada à ideia de canibalismo, especialmente com o sentido de algo ruim e perverso associado aos povos originários brasileiros. Esse conceito foi ressignificado por Oswald de Andrade, escritor e poeta brasileiro em 1928, quando lançou o seu Manifesto antropofágico. A partir daí, no contexto cultural brasileiro, esta palavra ganhou um significado simbólico positivo muito mais profundo, passou a expressar uma visão crítica e criativa, em relação à influência estrangeira na nossa cultura.

É justamente pensando neste significado simbólico que surge a ideia deste congresso, no qual proponho uma reinterpretação criativa da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Sugiro fugirmos do pensamento eurocentrado e devorarmos a teoria junguiana, a partir da nossa realidade. Sendo assim, penso em um congresso que busque a valorização da nossa diversidade e que, a partir dela, possamos incorporar a influência do pensamento junguiano.

Seja bem-vindx ao nosso banquete

Equipe

ORGANIZADORA

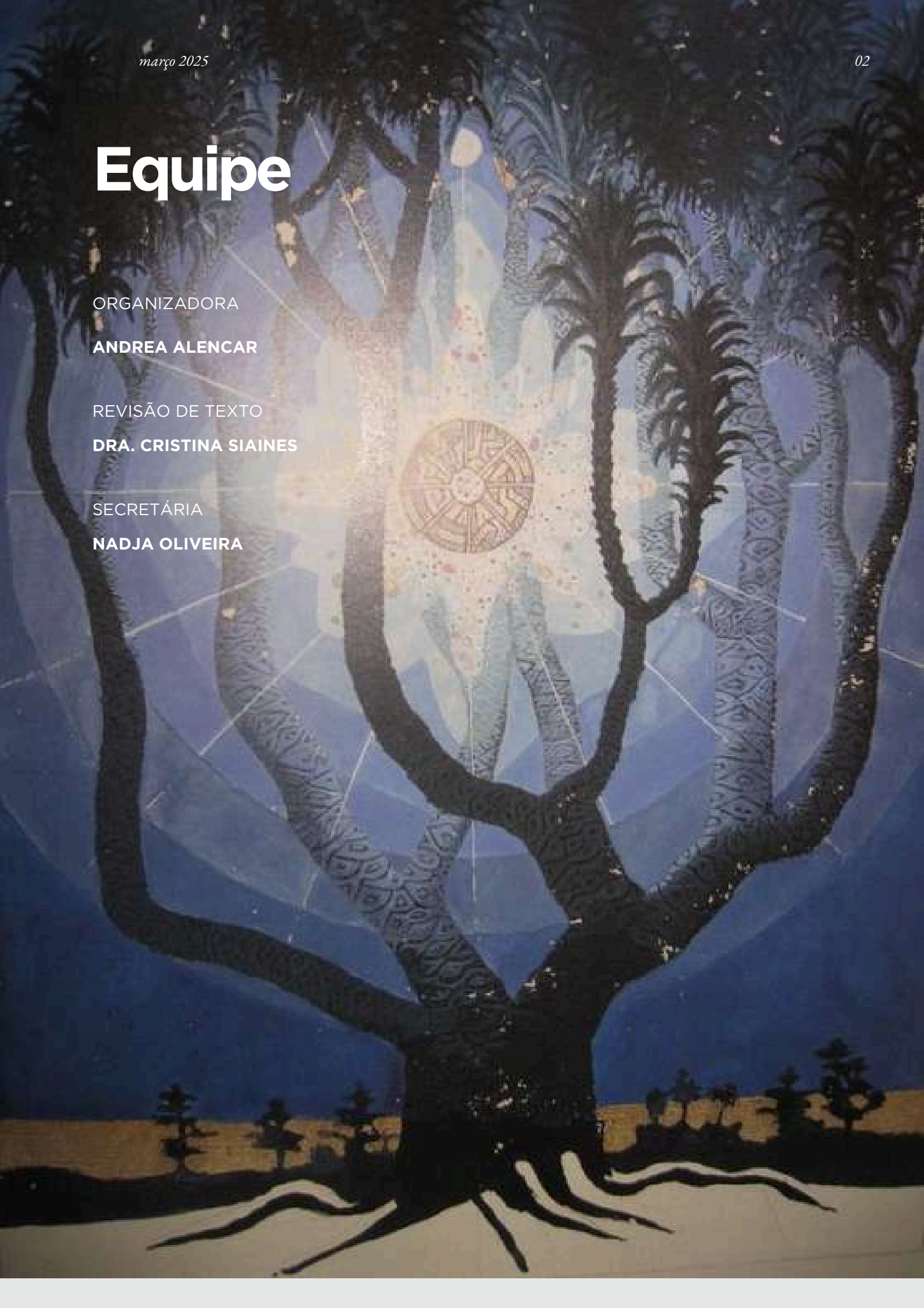
ANDREA ALENCAR

REVISÃO DE TEXTO

DRA. CRISTINA SIAINES

SECRETÁRIA

NADJA OLIVEIRA



ABERTURA 27/3

8h30 - Recepção e credenciamento

9h

Olá,

É com muito prazer que apresento o I Congresso do CEJAA. Um trabalho pensado e desejado para uma realidade Brasil, para nossas alegrias e sofrimentos psíquicos. Sendo assim, apresento uma discussão sobre Carl Gustav Jung devorado pela subjetividade Brasil

Vem se banquetear com a gente!



Andréa Atencar

DIRETORA DO CEJAA

27/03/2025



RESUMOS



9h - Carl Gustav Jung devorado pela subjetividade Brasil

RESUMO: O objetivo principal da discussão será apresentar a importância de vislumbrarmos uma Psicologia Analítica livre das amarras colonialistas. Portanto, me proponho a fomentar uma discussão e uma proposta de comer Jung, devorá-lo, degluti-lo, mastigá-lo, proponho lambemos a língua, nós queremos queijo suíço, nós queremos RÖSTI, queremos o homem da Emma, queremos Jung pelado pelas bacantes, queremos nos banquetear em um super bacanal de carne e carnaval. Ou seja, a discussão estará centrada nas diversas possibilidades de revelarmo-nos, enquanto brasileiros, nos conceitos junguianos (re)lidos, (re)interpretados

(antropofagicamente usando aqui a letra da música de Adriana Calcanhoto, Vamos comer Caetano)

Andréa Alencar é Diretora fundadora do Centro de Estudos Junguianos Analistas Associados (CEJAA), Graduada em Letras e Pedagogia; Me. em Intervenção psicológica no desenvolvimento e na educação; Esp. Em Gramática e texto; Esp. em Estudos Culturais; Esp. Em Psicologia Analítica; trabalha como professora e analista no CEJAA; Tem experiência na área da psicoterapia, atuando principalmente nos seguintes temas: terapia analítica; psicologia analítica, psicanálise e literatura; adoecimentos psíquicos contemporâneos; escrita criativa como possibilidade terapêutica



10h - MAKWNAIMA - UMA PERFORMANCE

RESUMO: A atriz e narradora de histórias Daniele Ramalho irá contar algumas das histórias de seu espetáculo Makwnaima, que fazem parte de seu repertório para público adulto. Makwnaima é um personagem presente na mitologia de diversos povos indígenas do Brasil, que inspirou o livro “Macunaíma” de Mário de Andrade, um dos livros de referência para a cultura brasileira e mundial. Makwnaima é dotado de poderes de criação e transformação, com caráter intrigante e que nos revela a essência do que é ser brasileiro.

Daniele Ramalho é contadora de histórias. atriz é gestora cultural do Rio de Janeiro. Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais pelo CPDOC da FGV. Formada em Artes Cênicas pela Uni- Rio. Pesquisa, narra mitologia e trabalha com povos indígenas desde 1998. Fez roteiros dos interprogramas de TV “Primeiros Povos”, para a TV Brasil e do programa “Nossos índios, nossas histórias” para a TV Cultura. Trabalhou como produtora em edições do projeto “Rito de Passagem”, criado por lideranças indígenas como Aílton Krenak, Álvaro Tukano, Paulo Bororo e a jornalista Angela Papiani, tendo criado parceria do projeto com Sesc, em 2002. É curadora e gestora de projetos como África Diversa e Narrativas Brasileiras.

Participa de festivais e programações em países como Portugal, França, Burkina Faso e Benim. Recebeu em Cotonou, Benim, o prêmio da palavra, pelas pontes que cria entre Brasil e África. Em seu trabalho com as histórias pesquisa oralidade e corporalidade, em culturas e tradições como as indígenas brasileiras e dos griôs da África Ocidental.



11h - Macunaíma, uma viagem pelo imaginário brasileiro: dos povos originários, da diáspora africana, dos europeus

RESUMO: A ideia de trazermos o livro Macunaíma, de Mario de Andrade, para dar a partida ao nosso 1º Congresso "Devorando Carl Gustav Jung: uma leitura antropofágica da teoria Analítica" ocorreu em função do farto, criativo e revolucionário (na época e ainda hoje) roteiro para olharmos o imaginário brasileiro. Uma das figuras centrais da Semana de Arte Moderna de 1922 (13 a 17 de fevereiro), Mário de Andrade foi um dos que buscaram identificar, delinear, tatear nossa identidade cultural. E Macunaíma é exemplar em termos da fartura de elementos presentes e da embaralhada que dá nos diversos traços que nos constituem, o nosso ecletismo cultural.

Macunaíma, do mesmo ano, é, por excelência, a realização artística ficcional da proposta antropofágica. O livro nos diz com bastante riqueza sobre nossa apropriação antropofágica e desregrada, desordenada, sem critério dos diversos e abundantes traços culturais que nos constituem.

Nesta palestra, vamos fazer parte do séquito que acompanha Macunaíma em sua trajetória, percebendo neste "herói sem nenhum caráter" nossos constituintes luminosos e sombrios, dos quais nos apropriamos e outros que descartamos com ou sem desembaraço.

Dra. Cristina Siaines é pós-graduada em Psicologia Analítica, mestre e doutora em Linguística e graduada em Letras e Comunicação Social. Terapeuta junguiana, **analista associada do Cejaa** (Centro de Estudos Junguianos - Analistas Associados), com atendimento também em clínica social, no projeto Trilho. Participa ainda do Projeto Acolher Solidário, em São Paulo. Tem os interesses sempre voltados para a expressão da alma humana, tanto nas relações familiares como nas relações sociais mais amplas e nas manifestações culturais e artísticas

12h15 - intervalo



14h - Quem tem medo do antropófago? Do tabu ao totem através da antropofagia

RESUMO: Em 1928, Oswald de Andrade publicou no jornal Correio da Manhã o “Manifesto Antropófago”. Escrito em seu característico estilo telegráfico, propõe uma reflexão a respeito da identidade brasileira, remodelando a relação entre colonizado e colonizador. Inspirado em um evento de nossa história, em que o bispo Pero Fernandes Sardinha fora capturado e devorado pela tribo dos Caetés, Oswald estabelece a “antropofagia” como nossa marca cultural. Diferentemente de “canibalismo”, a “antropofagia” designa um ritual, cujo propósito é incorporar as qualidades do devorado ao devorador. Por conseguinte, Oswald identifica a “antropofagia” com a identidade cultural brasileira, sugerindo que nossa característica identitária é a capacidade de “abrasileirar”, de incorporar um elemento estrangeiro e atribuir, mesclar, remodelar com elementos da “cor local”, produzindo uma síntese nova e original. Também é proposto um resgate do “primitivismo” em oposição ao “civilizado”, esse representado pelo europeu e o ato de aculturação que acompanha o seu processo de colonização. É uma perspectiva que será desenvolvida, aprofundada e sistematizada em outros textos, a exemplo do ensaio “A crise da filosofia messiânica”, em que Oswald, a partir da perspectiva “primitivista”, conforme defende no Manifesto Antropófago, propõe uma cultura de referência matriarcal, oposta ao patriarcalismo em que se fundamenta a cultura europeia. É uma operação que Oswald nomeia como “a transformação permanente do Tabu em totem”. É um jogo de palavras com o título Totem e tabu, de Sigmund Freud, obra em que uma das teses principais é demonstrar as semelhanças psíquicas entre as proibições envolvidas no tabu e na neurose. Noutros termos, a civilização carregaria marcas desse “primitivismo” ao que Carl Gustav Jung propõe uma abordagem mais ampla. Em vista disso, podemos expandir essa reflexão através da perspectiva da psicologia analítica. A partir dos postulados de Carl Gustav Jung sobre a estruturação da psique, o “antropófago” poderia ser reconsiderado como um arquétipo do inconsciente coletivo, na medida em que possui características próprias que se manifestam com relativa autonomia em nossa cultura: poemas como “Erro de português” e “Pronominais”, de Oswald de Andrade, que se tornaram antológicos ao elaborarem poeticamente a “antropofagia”, também a identificamos em outros autores, como em Paulo Leminski. Sendo assim, este trabalho tem como principais objetivos apresentar o “antropófago” como um arquétipo do inconsciente coletivo, tanto no que se diferencia como no que se aproxima de outros mais conhecidos, como o da “sombra” e do “trickster”; descrever sua qualidade de “devorar, deglutir e incorporar” outros arquétipos e dinâmicas psíquicas: o “antropófago” é um arquétipo devorador de outros arquétipos; utilizar como meio de demonstração algumas manifestações literárias. Em síntese, o “antropófago” representa uma conduta de incorporação qualitativa, seja em relação a elementos culturais, seja em relação a elementos psíquicos: a capacidade de alimentar-se de outros arquétipos (ou partes de), constituindo manifestações e dinâmicas psíquicas próprias que, por sua vez, adquirem manifestações no campo cultural do nosso país

Dr. Ricardo Gessner é analista em formação pelo CEJAA



14h30 - Reflorestar Mentes: nova política, símbolos ancestrais

RESUMO: A presença indígena no campo político brasileiro fora intensificada no atual governo com a criação do Ministério dos Povos Indígenas e a ampliação da participação de seus representantes no Congresso Nacional. Seus saberes ancestrais, manifestados e evidenciados por meio das vestimentas, acessórios, pinturas corporais, cantos, maracás e categorias de discursos, embora sejam intrínsecos ao Brasil, foram historicamente invisibilizados nos três poderes do Estado brasileiro pela lógica colonial vigente. Nesse sentido, a partir de uma metodologia de pesquisa qualitativa que consistiu em uma revisão narrativa da literatura indígena, antropológica, afro-brasileira em diálogo com a teoria junguiana, o trabalho trata da ampliação simbólica das categorias de discurso pronunciadas pelas representantes dos povos indígenas no campo político brasileiro. A poética potencializada na contemporaneidade pela representatividade dos povos originários no campo político estrutura-se na história de resistência desses povos diante da colonização e da lógica colonial vigente. O aprofundamento simbólico dessas categorias permite o contato, a partir do cenário político, com outras lógicas, propostas e percepções de mundo, ao percorrer movimentos psíquicos, pelo traçado psique-política. Entre as expressões levadas aos poderes executivo e legislativo pelas parlamentares indígenas eleitas, este estudo promoveu uma abertura à reflexão acerca das expressões “Antes do Brasil da coroa, existe o Brasil do cocar”, “A mãe do Brasil é indígena” e “Reflorestar Mentes”. Apesar do trabalho transitar pela complexidade brasileira e as questões de gênero, raça, sociedade, religião, apresenta mais aderência ao tema Uma leitura antropofágica de Carl Gustav Jung, por dialogar com o Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade e repensar a cultura política do país. Nesse sentido, o trabalho pode ser considerado uma mobilização afetiva para o envolvimento com movimentos psíquicos que constituem a transversalidade passado-presente-futuro do Brasil

Livia Rospantini é analista em formação pelo CEJAA,



15h - Mulheres, Deusas, Contos de Fadas e Clínica representações do feminino e sua influência no psiquismo e na prática clínica

RESUMO: Nesta palestra, abordaremos as ricas e complexas representações do feminino através das lentes de mitologias, contos de fadas e práticas clínicas. Analisaremos como as figuras arquetípicas das deusas e as heroínas dos contos de fadas influenciam o psiquismo das mulheres e moldam sua autoimagem na sociedade contemporânea. Além disso, discutiremos a relevância dessas representações na prática clínica, refletindo sobre como a compreensão dessas narrativas pode enriquecer o trabalho terapêutico e promover um espaço reflexivo e de auto pesquisa. Ao explorar as interseções entre cultura e psicologia, nossa jornada nos permitirá, por um lado, criticar elementos opressivos nessas representações e, por outro, resgatar aspectos de insubmissão e vitalidade

Dra. Julia Myara é Doutora em Filosofia na PUC-Rio na área de História da Filosofia Antiga. Mestre em Filosofia na PUC-Rio na área de História da Filosofia Antiga (2018) . Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro -UNIRIO (2016), com ênfase em História da Filosofia Antiga. Atualmente, realiza pesquisa na área de Filosofia Antiga com ênfase no pensamento de Platão, privilegiando os seguintes temas: linguagem, retórica, política, morte e mitologia

16h - intervalo



16h10 - A Morte e o Continuum Espiritual: a umbanda como uma epistemologia antropofágica de Jung

RESUMO: A Umbanda vê a morte de uma maneira muito particular, entendendo-a como parte de um fluxo espiritual em que os mortos e ancestrais continuam a ter um papel ativo nas vidas das pessoas. Dentro dessa perspectiva antropofágica de Jung, essa visão ajuda a expandir a ideia de inconsciente coletivo, integrando a presença dos ancestrais e a influência dos falecidos no campo psíquico, tanto em nível individual quanto coletivo. Dessa forma, a Umbanda nos ensina que os mortos, assim como os arquétipos, são essenciais para o desenvolvimento e a formação da nossa identidade psicológica

Wagner Vaz é Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora na linha de pesquisa História e Filosofia da Psicologia, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, pós-graduado em Teoria e Terapia Junguiana pela Universidade Estácio de Sá, graduado em Psicologia pela Universidade Estácio de Sá, graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com extensão em Análise de Sistemas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Coordenador do grupo de estudos Aurora Consurgens. Supervisor Clínico. Associado Fundador da Associação Brasileira de Estudos e Prevenção do Suicídio (ABEPS). Gestor do site Diálogos e Idéias. Psicólogo voluntário da Cruz Vermelha Brasileira - RJ. Áreas de Interesse: psicologia e religião, alquimia, psicopatologia, psicofarmacologia, epistemologia, sistemas psicológicos, interação mente e corpo, suicídio, tanatologia

17h10 - Roda de discussão – O que é uma Psicologia Analítica antropofágica

RESUMO: Este é um momento de elaboração de uma análise e discussão sobre a Psicologia Analítica e as nuances desse trabalho na subjetividade Brasil. Ganhos e problemáticas do exercício da Psicologia Analítica em terras tupniquins

Coordenação da mesa - Dra. Adriana Facina

Componentes:

Dr. Felipe Magaldi

Dr. Paulo Ricardo Nunes

Dr. Walter Melo

28/03/2025





8h10 – Em elaboração

RESUMO: Em elaboração

Elizabeth Timbó é Graduada em Filosofia/Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, (2000) e tem Licenciatura Plena em Filosofia/Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, (2006). Pós-Graduada em Letramento(s) e Práticas Educacionais, na área de Linguística/Letras/Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET - Maracanã/RJ. (2015). Possui especialização Profissional em Psicologia Junguiana pela Faculdade de Ciências da Saúde de São Paulo, (2019). Analista Junguiana, na sede do Centro de Estudos Junguianos de Analistas Associados - CEJAA. Especialização Lato Sensu em Educação Especial e Inovação Tecnológica/UFRRJ (2023)



9h – Em elaboração

RESUMO:

Dr. Walter Melo



10h - Da tortura ao caminho da cura: Nise da Silveira e a psicologia analítica

RESUMO: O trabalho de Nise da Silveira precedeu em décadas a reforma psiquiátrica no Brasil e a recepção da linguagem dos direitos humanos durante a redemocratização, ambas ocorridas no final da década de 1970. Mesmo na ausência desses repertórios, a psiquiatra alagoana conseguiu estabelecer um nexos entre sua própria vivência como prisioneira política e o funcionamento do manicômio, marcado por práticas de violência e exclusão. Para isso, teve como pano de fundo o Centro Psiquiátrico Nacional, no Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, a partir da década de 1940. Foi lá que, ao reconhecer a agressividade das técnicas de tratamento psiquiátrico comuns à época (eletroconvulsoterapia, insulinoaterapia, neurocirurgias etc.), direcionou seu trabalho para atividades expressivas (pintura, modelagem etc.) e para seres vivos não humanos (cães, gatos, plantas etc.) como forma de tratamento, no âmbito da Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação.

Nesse contexto, a psicologia analítica de Carl Gustav Jung assumiu um papel fundamental na terapêutica nisiana, não apenas ao oferecer o conhecido método de leitura de imagens, por meio das noções de arquétipo e inconsciente coletivo, mas, sobretudo, ao conceituar a psique como um organismo vivo capaz de se regenerar. Assim, contrariavam-se as teorias psiquiátricas vigentes, que consideravam transtornos mentais como a esquizofrenia irreversíveis, e incentivavam práticas violentas para “consertar à força a máquina doente”, nos termos de Nise.

Proponho, portanto, analisar o entrelaçamento entre a vida e a obra de Nise e a psicologia analítica, focando na denúncia do fio tênue entre a tortura e a cura que sustenta o saber médico e psiquiátrico. Concluo que, tanto no pensamento nisiano quanto no junguiano, a crítica ao mecanicismo cartesiano dá lugar a uma visão de mundo monista e vitalista, em que o humano se liga ao universo, assim como a psique à matéria, em uma unidade primordial. Dessa forma, podemos considerar Nise e Jung como representantes singulares de um humanismo que, antes mesmo dos processos de “humanização da saúde mental”, propuseram uma visão alternativa para a loucura

Dr. Felipe Magaldi é antropólogo, professor e pesquisador. Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ, com pós-doutorados pela Universidade Federal de São Paulo, Universidad Nacional de Córdoba (Argentina) e Università degli studi Roma Tre (Itália). Vencedor do Prêmio CAPES de melhor tese na área de Antropologia/Arqueologia (2019). Autor de “Mania de Liberdade: Nise da Silveira e a humanização da saúde mental no Brasil” (Ed. FIOCRUZ, 2020). Atua nas áreas de saúde mental, memória social e direitos humanos, com foco na participação dos saberes “psi” na reforma psiquiátrica brasileira e na atenção aos afetados pelas últimas ditaduras militares da América do Sul

11h - intervalo



11h15 - Nise da Silveira e Carlos Pertuis: O papel dos vínculos seguros, do afeto e da arte na reintegração psíquica

RESUMO: A apresentação tem como objetivo abordar a contribuição da vinculação segura e afetiva para a reestruturação psíquica de indivíduos que apresentam dissociação decorrente de trauma. Tal processo é ilustrado pelo caso de Carlos Pertuis, paciente com diagnóstico de esquizofrenia internado no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, que por 30 anos frequentou o ateliê de pintura criado pela Dra. Nise da Silveira. A partir do caso de Pertuis e do trabalho pioneiro da Dra. Nise, é possível demonstrar como o estabelecimento de vínculos seguros pode criar condições para o processamento e a integração, na dimensão consciente, de elementos inconscientes sombrios, resultando em estados de maior organização psíquica. Segundo registros médicos, Carlos Pertuis sofreu uma grave cisão psíquica após passar por uma série de experiências familiares com intensas cargas afetivas ao longo de sua infância e juventude, que atingiram um clímax insuportável. O estado de Carlos começa a se transformar quando ele experimenta pela primeira vez desde o surto psicótico tratamento humanizado no hospital psiquiátrico, através do cuidado dos monitores do atelier de pintura, e também do vínculo de amor e segurança com seus cães, denominados "terapeutas" pela Dra. Nise. A segurança de tais vínculos não só impactou a comunicação de Carlos como criou condições para que ele se expressasse simbolicamente pela arte, elaborando conteúdos inconscientes e alcançando, pelo menos parcialmente, considerando-se a gravidade da cisão psíquica da esquizofrenia, um nível de reorganização egóica. Utilizando conceitos da Psicologia Analítica, arteterapia, das neurociências, além de registros da própria Dra. Nise, a apresentação se propõe a demonstrar como a esquizofrenia está relacionada à traumatização, e como Carlos Pertuis, contando com o apoio seguro dos monitores, no espaço acolhedor do ateliê, e especialmente com seus cães "terapeutas", foi capaz de elaborar e re-associar conteúdos inconscientes através da arte como recurso simbólico, apresentando gradualmente claros sinais de ordenação interna e reconexão com o mundo externo

Paula Germann é Especialização em Psicologia Analítica, Especialista em Psicotraumatologia. Tem formação em Terapia do Luto e em Teoria do Apego. Formação em Tanatologia (PUC-RJ). Membro do Núcleo Criarte: Morte, Luto e Criatividade (Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica - SBPA) Membro da International Association for Jungian Studies (IAJS). Analista associada do CEJAA

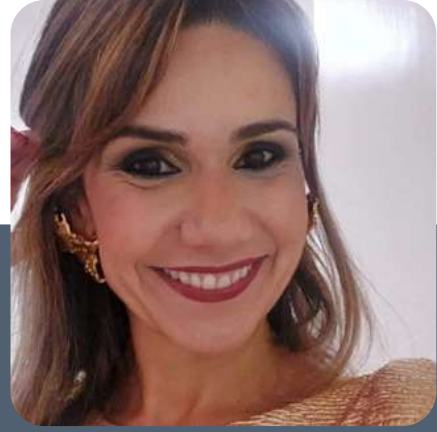
12h15 - intervalo



14h - “E no centro do coração um livro aberto”: Nise da Silveira e os caminhos formadores de uma intelectualidade afetiva

RESUMO: Embora amplamente enaltecida como importante influência da reforma psiquiátrica no Brasil, Nise da Silveira permanece pouco conhecida do ponto de vista do embasamento intelectual que perfaz sua trajetória como médica, vinculado ao contexto de efervescentes interlocuções culturais em que seu olhar sobre o adoecimento psíquico se desenvolve. Mais do que expressão espontânea de uma personalidade peculiar, sua defesa do afeto em oposição ao eletrochoque, da liberdade em oposição ao confinamento e da arte como possibilidade terapêutica, remete a um vívido interesse sobre produções de filosofia, mitologia, literatura e artes em sentido amplo. Por sua vez, não é senão a partir da consideração de especificidades locais, às quais é possível atribuir sentidos de nacional, que tais interlocuções são elaboradas e assumem contornos empíricos de possibilidades alternativas de tratamento. A presente comunicação visa trazer luz a esse plano de fundo, contrastando e contestando postulações correntes de um suposto “antiacademicismo” com múltiplos matizes – talvez inumeráveis – de uma Nise da Silveira pensadora

Dra. Rachel Paterman é antropóloga, quadrinista e arteterapeuta. Dedicase a atividades de atendimento, docência e pesquisa no campo da expressão artística, como membro analista do CEJAA e pós-doutoranda em Ciência e Arte na Fiocruz



15h - O roubo do Espelho de Oxum por Narciso – reflexos e reflexões sobre o ciclo de abuso narcisista

RESUMO: Elaborar uma reflexão sobre o ciclo de abuso narcisista, relacionando-o à questão de gênero e à colonialidade

Carmen Livia Parise

16h - intervalo



16h15 - Exu - uma visão feminista a partir da psicologia complexa

RESUMO: O que se busca nesta palestra é Re-imaginar o gênero e a sexualidade na perspectiva de uma psicologia complexa feminista, a partir da imagem de Exu-mulher, especialmente no contexto brasileiro. A pesquisa parte do livro Exu-Mulher e o matriarcado nagô: masculinização, demonização e tensões de gênero na formação dos candomblés, no qual a autora Claudia Alexandre traz um debate inédito para o estudo das tradições e religiosidades afro-brasileiras sobre o controverso orixá Exu. Na cosmogonia iorubá, Exu foi constituído com os dois princípios: feminino e masculino. A obra chama atenção ao fato de que a figura feminina de Exu não foi introduzida nas representações do orixá no Brasil. A partir desse novo olhar, é possível re-imaginar o gênero e a sexualidade na psicologia complexa numa perspectiva feminista, especialmente no contexto brasileiro. Para adentrar nesse campo, também é fundamental o artigo Jung na encruzilhada ou lendo Jung a partir de Exu, de Adriana Facina. Entre as outras obras utilizadas estão Os arquétipos e o inconsciente coletivo, Aspectos do feminino e Aspectos do masculino, de C.G. Jung; Re-imaginando um lugar de escuta, O Insaciável Espírito da época e Escutando Dissidências (coletâneas); e O Riso da Medusa, de Hélène Cixous, Mundo em disputa, de Márcia Tiburi, e O corpo encantado das ruas, de Luiz Antonio Simas. O campo da psicologia complexa necessita de novas imagens para pensar o gênero e a sexualidade na clínica contemporânea, de um ponto de vista decolonial. A partir da imagem de Exu-mulher, é possível re-imaginar o gênero e a sexualidade na perspectiva de uma psicologia complexa feminista, especialmente no contexto brasileiro. Uma imagem que possui os princípios masculino e feminino tem o potencial de ir além de um binarismo de gênero hierárquico. As imagens do que é feminino e do que é masculino estão em disputa. São necessárias novas imagens para compreender o gênero e a sexualidade no mundo contemporâneo

Cris Vianna amaral possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul(1997). Pós-graduada em Psicologia Junguiana pelo Ijep (2020). Atualmente é Analista em formação do Centro de Estudos Junguianos Análise e Arteterapia. Tem experiência na área de Psicologia.É analista associada do Cejaa



17h15 - Quando a mulher-búfalo irrompe da escuridão: o arquétipo do feminino na mitologia afro-brasileira sobre Iansã

RESUMO: Para este estudo, partimos da hipótese de que a representação mítica de Iansã não encarna aspectos geralmente atribuídos ao masculino arquetípico, mas ao contrário, apresenta capacidades instintivas presentes no arquétipo do feminino, de uma maneira singular. Nessa direção, será apresentada uma análise simbólica da representação da Orixá Iansã e de um dos textos sobre sua figura mítica, destacando os aspectos relacionados ao arquétipo do feminino, em sua relação dialética com o masculino. Também serão destacadas suas características de guerreira como a astúcia, o ímpeto e a coragem. Procuraremos analisar em que medida estes podem se diferenciar dos aspectos geralmente ressaltados nas obras que são referências para a análise do feminino nos contos de fadas ou populares, tais como as obras de Von Franz, Clarissa Pinkola e Jette Bonaventure. Por fim, analisaremos a representação do materno no texto mítico, relacionando-a à teoria dos Complexos de Jung

Phd Ana Maria & Me. Raquel Trindade são analistas em formação do CEJAA



17h45 - Poesia e função transcendente: integrando o corpo e o erótico na reinvenção do gênero mulher

RESUMO: Este trabalho demonstra como a poesia de Adélia Prado, embebida em uma linguagem visceral e transgressora, se torna um instrumento poderoso de subversão da ordem simbólica que aprisiona o corpo e o erotismo feminino. A partir do diálogo com a psicologia analítica de Jung, o trabalho evidencia como a poesia de Adélia contribui para a integração de conteúdos reprimidos pela cultura patriarcal, promovendo um desenvolvimento psíquico mais integral para a mulher. A pesquisa demonstra a importância de se repensar as teorias psicológicas a partir de uma perspectiva feminista e descolonial, reconhecendo a necessidade de se desconstruir os estereótipos de gênero e as narrativas misóginas que limitam a construção da subjetividade das mulheres. A episteme das encruzilhadas, espaço de cruzamento e reinvenção de saberes, surge como um campo fértil para se repensar a relação entre corpo, gênero e poder, a partir do simbolismo da Pombagira, abrindo caminho para uma experiência mais plural e emancipada do feminino e subvertendo dicotomias cristalizadas que impedem a integração de conteúdos negados por uma hegemonia falocêntrica. A literatura, em especial a escrita poética, emerge como um espaço privilegiado para a elaboração simbólica de experiências traumáticas e para a resignificação de dores e afetos negados em relação à experiência erótica feminina. Sua intersecção com o signo da Pombagira amplifica a força irreverente e subversiva da criação poética e resulta em uma maior conscientização de seu potencial como espaço de reinvenção do leitor e do escritor. A escrita criativa, em intersecção com a corporeidade, permite que o trauma se torne um elemento dinâmico na narrativa, abrindo espaço para a autopercepção e o autoconhecimento

Nathalie Cristen é analista em formação pelo CEJAA

29/03/2025





9h – Escuta Antirracista e Decolonial na Prática Clínica

RESUMO: A premissa deste encontro é a afirmação de que a escuta na prática clínica deve levar em conta a construção política do sofrimento psíquico. Considerando a complexidade brasileira de uma sociedade que viveu uma tardia abolição da escravatura, o genocídio da população negra e as políticas de embranquecimento que marcaram a História do Brasil, é urgente que consideremos o racismo como categoria de análise. A partir da leitura de autoras e autores negros como grada kilomba, Neusa Santos Souza, Lucas Veiga, Frantz Fanon, entre outros, desejamos sensibilizar a escuta ativa dos profissionais e estudantes para a urgência e necessidade de uma clínica antirracista

Magna Domingues é graduada em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e é especialista em relações étnico-raciais pela universidade Cândido Mendes. Atua como psicóloga clínica (CRP 05/58638), e também como professora na rede municipal de Duque de Caxias onde é Dinamizadora de Leituras Literárias. Militante da Educação Antirracista, é escritora e roteirista. Coordenadora dos projetos Baú Encantado e Clube do Livro Preta e professora da pós-graduação em Psicologia analítica e o sujeito contemporâneo do CEJAA



10h – Devorar e Transmutar - Alquimia Antropofágica na Clínica Solidária com Sujeitos Subalternizados

RESUMO: Esta comunicação tem por objetivo explorar a aplicação da metáfora da antropofagia e do processo alquímico na clínica solidária junguiana, especialmente no contexto brasileiro, marcado por desigualdades sociais. A antropofagia, originalmente associada aos rituais dos Tupinambás e reconfigurada por Oswald de Andrade em 1922 como símbolo de criação cultural, foi ampliada pelo movimento tropicalista nos anos 1960, que misturou influências globais para criar algo novo e autenticamente brasileiro. No campo da psicoterapia, a clínica solidária junguiana adota esse espírito antropofágico e alquímico. Assim como a alquimia transforma metais brutos em ouro, a clínica devora a teoria junguiana e a realidade brasileira, integrando-as para responder às necessidades das comunidades marginalizadas. Esse processo transforma o sofrimento em crescimento, a exclusão em inclusão, e a opressão em resistência. A prática clínica deve estar profundamente enraizada nas experiências culturais e sociais do Brasil, reconhecendo que o sofrimento psíquico é um reflexo das injustiças sociais. Ao absorver as realidades vividas pelos brasileiros, a clínica não só cura, mas também transforma e liberta, criando um espaço de resistência e justiça social, onde a psicoterapia se torna um meio de transformação pessoal e coletiva

Dr. Jorge Miklos é psicólogo e psicoterapeuta na abordagem analítica integrativa. Mestre em Ciências da Religião e doutor em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-doutorado em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente desenvolve uma pesquisa financiada pela CAPES e pela UNIVERSIDADE PAULISTA com o título: MACHOSFERA: CONTRIBUIÇÕES DA MÍDIA PARA A CONSTITUIÇÃO DAS MASCULINIDADES CONTEMPORÂNEAS

11h - intervalo



11h15 – Procedimentos Estéticos: O Que Silenciamos Junto com Nossas Marcas

RESUMO: Este trabalho visa refletir sobre as consequências dos procedimentos estéticos no contexto da expressão não verbal das mulheres, considerando o aumento exponencial dessas intervenções e a crescente busca pela perfeição estética. O objetivo é analisar como tais procedimentos podem impactar a comunicação facial e o processo de individuação feminino, à luz da psicologia analítica contemporânea

Elisângela Reis é Analista em formação pelo CEJAA



11h45 – Diálogos entre incorporações mediúnicas, imagens e imaginação ativa

RESUMO: Sabe-se que a problemática religiosa ocupa um lugar central na obra de Carl Gustav Jung (1987). Entretanto, o viés pela psicologia analítica não se dá por determinadas profissões de fé religiosa, mas por reconhecer “como conteúdos arquetípicos da alma humana, as representações primordiais coletivas que estão na base das diversas formas de religião” (p.7). A experiência com o numinoso que culmina numa consciência transformada, é o que Jung destaca na religião. É com esse olhar, que me proponho a apresentar um estudo de caso que não se pretende guiar pelo entendimento da experiência direta, própria do positivismo, do materialismo científico. Não, não se trata do ‘ver para crer’, mas de caminhar pelo paradigma da clínica das imagens (SILVEIRA, 2024). A psicologia analítica, complexa, de Jung, explora os aspectos mais profundos da psique humana, incluindo o inconsciente coletivo, os arquétipos e a individuação (JUNG, 1986)

Dra. Dirciara Baranano é Analista em formação pelo CEJAA e professora da pós-graduação em Psicologia analítica e o sujeito contemporâneo

12h15 - intervalo



14h – O (des)encontro entre a alma e a natureza: as águas de maio como símbolo da sombra das políticas no Rio Grande do Sul

RESUMO: Os encontros e as histórias de vidas foram significativas para a reflexão dos fatos que contribuem para a escrita deste trabalho. Nesse sentido, o contato com a natureza que desde muito novo, ainda criança, tive oportunidades de experienciar me levam a descobrir diante de uma catástrofe anunciada o sofrimento psíquico/humano dos que acreditam que é possível viver sem atentar para o entorno de suas vidas. Moro em Rio Grande/RS, cidade península, por onde só se anda por terra costeando o oceano atlântico. Nossa cidade é rodeada por águas, de um lado a Lagoa dos Patos de outro o canal do Rio Grande e seu contorno pelo saco da mangueira e seus 232 Km de areias costeando o oceano. Nesse lugar, onde o SÍMBOLO do mar aparece como águas maternais, fecundas e criadoras, mesmo sendo simbolicamente, inconscientemente a expressão da alma continua na consciência, a cidade que vive a água sempre esteve de costas para o mar. Para Jung (1963), “O mar é como música; traz em si e faz aflorar todos os sonhos da alma. A beleza e a magnificência do mar provêm do fato de impelir-nos a descer nas profundezas fecundas de nossa alma, onde nos defrontamos conosco, recriando-nos, animando o triste deserto do mar” pois, neste ano, essas mesmas águas que sorriem para a terra levaram milhares de pessoas ao sofrimento extremo. Perdas materiais e imateriais, de esperanças alimentadas por falsas expectativas de crescimento economicamente sustentáveis que acabaram por transformar o imenso oceano de profundo espaço de mudanças e transformações em de imaginários aquários. Ou seja, como se fosse possível conter as potências e autonomias do oceano para gerarem apenas o que conscientemente é imaginado como riqueza de um sistema Capitalista que transforma sujeito em objeto. Neste estudo, me permito pensar que nas profundezas dessas águas que nos rodeiam cotidianamente, nos discursos e planos mirabolantes de construção coletiva de uma sociedade que aparentemente são tocadas pelo sol, não consigam imaginar soluções para que catástrofes, como a recente, possam ser evitadas. Quem sabe, um dia, a luz do sol deixe de tocar essas mentes brilhantes e as riquezas do mar sem sol, os ecossistemas sustentáveis da escuridão da psique desses que se denominam, os cuidadores sociais possam se expandir e que transformações sociais, realmente, aconteçam para que haja um equilíbrio de energias que traga a harmonia e beleza pra o olhar dos ‘Sois’ encantados pela escuridão da ganância. A partir desse olhar, penso que o encharcamento a que estivemos expostos nos últimos meses podem nos dar a dimensão das nossas capacidades de emergir das profundezas, com ar suficiente para dar continuidade aos caminhos de nossos processos individuais e coletivos, ou seja, precisamos diluir nossos estados coagulados pela dureza do estado capital, lógico e cruel, que nos leva a esquecer da cruel realidade vivida e que mobilizou afetivamente olhares de coletivos no planeta.

Dr. Paulo Ricardo Nunes é Graduado em Medicina pela Universidade Federal do Rio Grande; Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Especialista em Saúde Mental Coletiva. Especialista em Saúde Pública pela Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul. Especialista em Geriatria e Gerontologia PUC-RS. Desempenhou atividades de psiquiatria e psicoterapia no período de 1987-1999; retomando em 2007. Atualmente, integra o Grupo de Estudo sobre os Livros Negros de C.G. Jung, coordenado pelo Dr. Walter Boechat (IJRJ -2001-atual). Atualmente Analista Associado do CEJAA 2023.



15h – "Você está ficando louco?: - Esquisitices, maluquices e individuação em tempos de sanidades duvidosas

RESUMO: Diante do cenário atual em que atravessamos, onde todo sofrimento psíquico torna-se patológico, como a noção de " patologizar" pode ajudar a nos re-posicionarmos de modo ético e clínico frente a esta arbitrariedade? Pode haver sofrimento psíquico sem a marca do patológico? Toda dor deve necessariamente ser uma dor patológica? Queremos discutir o "patologizar", como proposto pela psicologia arquetípica, ser a marca de uma nova possibilidade de aceitação e acolhimento para estas legítimas experiências da alma: tristeza, depressão, melancolia, tédio, apatia, desânimo, todas as dores do existir

Marcus Quintaes é Psicanalista junguiano, coordenador de seminários sobre a psicologia arquetípica de James Hillman e pensamento pós junguiano. Fundador do Lapa: laboratório de psicologia arquetípica e do Thiasos: Oficina de imaginação compartilhada

16h - intervalo



16h15 – Uma leitura junguiana do TDAH

RESUMO: Em elaboração

Dra Adriana Facina é doutora em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002), com pós-doutorado pela mesma instituição (2008-2009). Pesquisadora do CNPq, é professora titular do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional/UFRJ. Desenvolveu pesquisa de pós-doutoramento sobre música e lazer popular no Rio de Janeiro, com ênfase no funk. Atualmente pesquisa políticas de esperança no Brasil contemporâneo. Bolsista Cientista do Nosso Estado FAPERJ 2023. Analista formada pelo Centro de Estudos Junguianos Analistas Associados (CEJAA); analista e professora voluntária no CEJAA.



17h15 – SUICÍDIOS: Uma proposta de posvenção arquetípica, política e imaginal.

RESUMO: Um tema de interesse de pesquisa neste momento que é a posvenção ao suicídio (complementando o tema da prevenção abordado na tese defendida ano passado). De certo modo, revela minha maior identificação com a psicologia arquetípica, mas até nossa identificação com ela merece ser "devorada antropofagicamente" no Brasil

Dra. Santana é Psicóloga clínica e arteterapeuta junguiana. Professora universitária, supervisora clínica, mestre e doutora em psicologia pelo IPUSP

ENCERRAMENTO



Heitor dos Prazeres (1898-1966), *Roda de samba* - Galeria Alphaville

18h15 - Fala da organização do evento
18h30 - roda de samba



www.cejaa.com